

GRIMSHAW, Jane. Sintaxe em OT: uma entrevista com Jane Grimshaw. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. Vol. 6, n. 10, março de 2008. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

## **SINTAXE EM OT – UMA ENTREVISTA COM JANE GRIMSHAW**

Jane Grimshaw

Rutgers University

**ReVEL – A Teoria da Otimidade (ou Optimalidade) é bastante atraente aos trabalhos em Fonologia. Mas a OT também pode ser utilizada para o estudo de outras áreas da gramática, como a Sintaxe. Quais foram as primeiras investigações em Sintaxe em OT?**

**Grimshaw** – O primeiro grande estudo foi feito por Legendre e colegas, sobre Caso e sistemas de voz (cf. os *BLS proceedings* 1994). Eles apresentaram restrições extremamente simples relacionando tipos de argumento a Caso e puderam prever uma interessante tipologia para os padrões de Caso e voz. O artigo foi bem técnico, mas abriu os olhos de muita gente para novas possibilidades. Meu próprio trabalho a respeito de estrutura sintagmática (LI 1997) desenvolveu um sistema de restrição sintático que elucidou algumas propriedades da estrutura frasal do inglês, estendendo assim o escopo da Sintaxe em OT a um domínio diferente. Obviamente essa resposta não faz justiça a todos os trabalhos, muitos feitos por alunos de pós-graduação, que contribuíram com o entusiasmo e com os resultados.

**ReVEL – Como a Sintaxe em OT se relaciona com outras teorias e modelos sintáticos, como a Lexical Functional Grammar (LFG), a teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) ou o Programa Minimalista?**

**Grimshaw** – Esta é uma pergunta complicada. Existem duas propriedades da OT que a relacionam com outras teorias de uma maneira interessante de ser explorada. A primeira é que ela é convidativa a teorias não derivacionais, em que cada restrição avalia alternativas em um único nível de representação. Já que se provou difícil estabelecer argumentos claros que sejam contra ou a favor do papel da derivação na teoria sintática, a importância dessa propriedade continua obscura para mim. A segunda é a importância da *competição* e, logo, da *otimização*. A boa-formação de uma sentença pode ser determinada apenas através da comparação com alternativas. O Minimalismo também se baseia na competição, ainda que o processo de avaliação das alternativas seja bem diferente.

Existe, contudo, uma diferença fundamental entre a OT e todas as outras teorias, a saber: todas elas assumem a perfeição das formas gramaticais. A boa-formação em uma língua mas não em outra é atribuída, por exemplo, ao efeito de um parâmetro, ou ao efeito de um núcleo funcional no léxico. A possibilidade de que elas difiram na natureza da imperfeição, isto é, nas restrições que violam, pode ser considerada apenas na OT.

**ReVEL – Como podemos explicar a variação entre as línguas, adotando conceitos como *violabilidade* e *interação entre restrições*?**

**Grimshaw** – Uma vez que as gramáticas são *rankings* de restrições universais, a variação é o resultado desses *rankings*. Suponhamos que uma língua apresente o “*do support*” (que mencionarei abaixo novamente), como o inglês: *What did you read? \*What read you? \*What you read?*. Isso é possível apenas se pelo menos uma variável prefira que o *do* esteja ausente. Agora, suponhamos que estamos estudando uma língua que não permita o “*do support*” nessas

configurações sintáticas. Já sabemos muito a respeito do ranqueamento nessa língua. Ao menos uma restrição que prefere que o *do* esteja ausente deve dominar todas as restrições que preferem o *do* presente, e todos os *rankings* de restrições nesta língua devem seguir esse padrão. Acredite-me quando digo que, se você cometeu algum erro, é este o momento em que ele irá aparecer! Essa teoria de variação interlingüística depende crucialmente de violabilidade e interação. As restrições interagem para forçar os padrões de violação ótima e é por isso que as línguas são distintas umas das outras.

**ReVEL – A senhora poderia nos explicar um pouco sobre o mapeamento de *input-output* no modelo da OT, especialmente no que diz respeito à otimização em Sintaxe?**

**Grimshaw** – Esta é provavelmente a pergunta a que eu respondo mais freqüentemente e será a que tomará mais espaço. Acredito que o *input* contém três informações importantes. A primeira é o conjunto de núcleos lexicais que são organizados na estrutura sintática. Para cada núcleo lexical, o *input* fornece uma estrutura argumental e indica o papel que outros núcleos lexicais e suas projeções irão desempenhar com respeito à estrutura de argumentos. Por exemplo, em *o cachorro latiu*, o *input* contém “*latir(x)*, *x = cachorro*”. Em segundo lugar, o *input* associa um conjunto de traços gramaticais com cada núcleo lexical. Eles podem ser realizados no *output* como núcleos funcionais (*o*, no exemplo acima, se realiza como um traço +def associado a *cachorro*) ou como morfemas presos (como a marcação de passado, que se realiza como um traço +passado associado ao verbo *latir*). No caso de sentenças complexas, o *input* expressa as relações de subordinação entre os componentes. Eles são organizados em estruturas morfológicas e sintáticas alternativas, como palavras complexas ou estruturas X-barra. As restrições universais ranqueadas escolhem o melhor entre todos os candidatos resultantes.

As restrições de fidelidade avaliam a relação entre *inputs* e *outputs*. Os *rankings* dessas restrições com relação àquelas com as quais elas entram em conflito determinam até que ponto as sentenças gramaticais são fiéis ao *input*. Em

sistemas sintáticos, os candidatos ótimos sempre são fiéis às especificações léxicas no *input* (com exceção, por exemplo, da elipse). Então, os núcleos lexicais sempre são preservados no candidato ótimo. Nem sempre eles são fiéis às especificações gramaticais\funcionais. O fenômeno do “*do support*” é um exemplo de infidelidade se o *do* não estiver no *input*, mas for exigido no *output* por causa das restrições de marcação.

**ReVEL – A senhora poderia sugerir algumas leituras essenciais para quem deseja estudar Sintaxe em OT?**

**Grimshaw** – Um bom lugar para começar é a introdução do livro *Optimality Theoretic Syntax* (MIT Press 2001), escrito por Géraldine Legendre. O livro abrange uma série de assuntos importantes e pode ser útil para quem quer ler artigos da coleção. Um artigo já antigo e não muito técnico que aborda as características teóricas gerais da OT em Fonologia, Sintaxe e aprendizado de línguas foi escrito por Tesar, Prince e Grimshaw e saiu publicado em *What is Cognitive Science?* (Blackwell, 1999). Muitos pesquisadores postam seus trabalhos no arquivo on-line Rutgers Optimality Archive, disponível em <http://roa.rutgers.edu/>. O *website* está disponível para todos, o que permite que os resultados das pesquisas circulem livremente.